

O Reino de Deus para Todos!
Martin Jäggle / Ir. Teresa Schlackl SDS
12 de julho de 2015

“Sim, rezemos e trabalhemos com zelo para que se cumpra a vontade de Jesus,
‘Venha o teu Reino.’”¹

A leitura do Diário Espiritual de Padre Jordan mostra-nos a sua compreensão de que todos os homens e mulheres pertencem ao Reino de Deus. Jordan queria que todos os homens e mulheres se sentissem atraídos pelo Reino de Deus. Para ele “o domínio de Deus” era extenso/global/universal, um “lar” que não se poderia deixar perder.

1. O Reino de Deus e sua justiça para a Terra. Outra visão de vida.

A intenção profunda de Padre Jordan foi “o compromisso com Deus e seu Reino”, compreendida por ele como “um Reino e sua Justiça - “algo como um fogo interior e luz, que aponta o caminho para o discipulado de Jesus, e que encoraja à prática da visão de uma vida verdadeira, de salvação, a ser atingida por todas as pessoas, aqui nesta terra e antes da morte.” “Venha a nós o teu reino”, rezamos – como nos ensina, cotidianamente, a tradição Judaica. Nele, o desejo é óbvio. O grito – como percebemos, em Bartimeu – é pela salvação da vida. É o desejo pela vinda do Reino de Deus.

O centro da proclamação de Jesus é que o Reino de Deus já começou e está presente (Mc 1, 15) – está conectado à justiça/direito. A conversão dos corações é, igualmente, necessária para a superação das estruturas, que causam, como consequência, a discriminação e separação.

O Reino e seu desafio

“Ao lermos as Escrituras, fica bem claro que a proposta do Evangelho não consiste só numa relação pessoal com Deus. E a nossa resposta de amor também não deveria ser entendida como uma mera soma de pequenos gestos pessoais em favor de alguns indivíduos necessitados, o que poderia constituir uma «caridade por receita», uma série de ações destinadas apenas a tranquilizar a própria consciência. A proposta é o Reino de Deus (cf. Lc 4, 43); trata-se de amar a Deus, que reina no mundo. Na medida em que Ele conseguir reinar entre nós, a vida social será um espaço de fraternidade, de justiça, de paz, de dignidade para todos.” (EG 180)

O “Espaço” do Reino de Deus é, principalmente, de relações humanas concretas e de sociedades, em sentido especial, “a terra” de Deus, onde Ele se estabelece. Assim, as comunidades Judaico-Cristãs (qahal/ekklesia) podem ser vistas como ‘espaços de experiência e de ‘reais utopias’ do Reino de Deus, como o nascer do Reino de Deus.

O Reino de Deus como uma festa de “refeição-comunhão” aberta

As áreas da economia, da política, da cultura e da religião são partes de uma festa:

- A abundância faz parte de uma festa, mesmo que em outros momentos ela seja escassa.

¹ Declaração III, Maria dos Apóstolos: Carta, 20 de maio de 1901.

- Na celebração da festa é importante que todos tenham o seu espaço, e ninguém seja excluído.
- Durante a festa, aparece a visão de vida feliz para todas as pessoas.

A “mesa circular” da refeição festiva (Mt, Lc) é um pesadelo social: está aberto a toda pessoa. A festa oferece plenitude de vida a todos – comida, comunidade e sentido.

Para Jesus o Reino de Deus é uma sociedade sem os pobres; uma sociedade pronta para ser solidária, justa e orientada às necessidades do povo.

O Reino de Deus é descrito por Jesus como uma refeição para aqueles que nada significam para a sociedade. Os adultos estão orientados às crianças. As mulheres que gozam dignidade e são respeitadas em seu trabalho, ganham visibilidade (Mt 13, 33). É um Reino de relações fraternas, livres de comandos.

O acesso ao Reino de Deus é dado por uma certa prática (Mt 7, 21). Para Jesus, o Reino de Deus significa que os demônios que são contrários a Deus e a vida não têm mais poder.

O Papa Francisco tem dito, publicamente, que ele tem necessidade dos fieis e de suas orações. O Reino de Deus é igualitário, coleção aberta das necessidades do povo que vive em mútua solidariedade e que reconhece uns aos outros, mutuamente, como iguais e como pessoas carentes.

Como um Reino dos pobres, o Reino de Deus é a visão de uma sociedade onde ninguém passa fome e na qual, cada pessoa recebe “o que é necessário para se viver uma vida com plena dignidade e economicamente segura.” Esta é a visão de um mundo, onde existe “fartura suficiente para todos”.

Como um Reino de “sociedade de ninguém” o Reino de Deus é a Visão de uma sociedade na qual ninguém é desprezado, discriminado ou excluído.

Como Reino, “qual é a vontade do Pai que está sendo realizada? O Reino de Deus é a visão de uma sociedade na qual, ninguém é assediado por demônios; um Reino no qual a lei básica do amor de Deus e a caridade é uma realidade.”

2. Presença como lugar da experiência do Reino de Deus

Para Israel, “na cidade terrena, a salvação religiosa é impossível sem a justiça. Uma Jerusalém terrena precisa ser realizada (...) para que a Jerusalém celeste seja plenificada com a presença divina. Não existe outra forma de salvação, além daquela na qual o povo tem vida.” O Reino de Deus é um dom e uma tarefa. A soberania de Deus é uma promessa para o futuro, que, na visão do Antigo Testamento, ocorre através da migração.

Jesus de Nazaré vive nesta tradição. No centro de sua vida está o anúncio deste Reino de Deus: “O tempo está cumprido, e o Reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no Evangelho.”(Mc 1, 15) Nenhum outro tópico incomoda tanto a Jesus como a ‘basileia tou theou’², a conversa sobre a soberania ou, o Reino de Deus.” O fato de Jesus, mesmo, experienciar bem esta “instabilidade” como um pregador itinerante, mostra-nos como a migração é importante também para a identidade Cristã.

O fato de que Deus, desde o início, como Criador é o rei do mundo, já é sabido pelo povo do Antigo Testamento – bem como, por Jesus. Mesmo com Jesus, Deus não se torna mais próximo do que antes: Durante a libertação do Egito “o dedo de Deus” (Ex 8, 15) é tão ativo quanto foi durante a expulsão dos demônios por Jesus (Lc 11, 20). Jesus sempre relacionou sua ação ao trabalho de Deus. Jesus entende o Reino de Deus na tradição de sua fé Judaica.

² Significado: “Reino de Deus” refere-se ao reino espiritual e o reinado de Deus; Poder e dignidade reais.

O que é novo é a reivindicação de Jesus de Nazaré, de agir como Deus. O que é igualmente novo são a irrevogável certeza e promessa da presença de Deus. Como acréscimo, o que é novo é a norma de certa tradição Judaica: a mudança gradual do significado do poder e da autoridade a serviço da vida incluindo a impotência na cruz como poder redentor.

Em Jesus de Nazaré, a soberania de Deus torna-se uma chave hermenêutica e a essência de seu ensinamento. A formulação disso na vida diária do povo pobre e simples é algo novo. A presença indivisa de Deus é o centro do anúncio e a prática de Jesus de Nazaré: Agora, o Reino de Deus está totalmente presente; agora, as promessas proféticas estão realizadas. Esta presença pode ser convertida em um lugar da experiência do Reino de Deus. Esta presença torna-se kairós, onde a salvação de Deus é realizada. O Reino de Deus é possível para o povo (Lc 17, 20). Ele é palpável no mundo: “no meio de vocês”. Pode-se notar a consequente dessacralização da “basileia”; a soberania de Deus acontece na vida, diariamente. Ela se torna realizada nas ações profanas, como acontece quanto ao gerenciamento do dinheiro, salário, dívidas, etc.

A partir de Jesus de Nazaré, o Reino de Deus está plenamente presente. A soberania de Deus se estabelece na vida diária e nas ações profanas.

Viver Junto

O Reino de Deus é uma forma de pensar o viver junto. A demanda por justiça, atualmente, é significativa e está relacionada à questão de como lidamos com a Migração. Os moradores poderiam lembrar-se dessa visão porque eles viram os migrantes como pessoas que proclamam o Reino de Deus.

Morando juntos em um lugar faria com que o Reino de Deus se tornasse uma realidade. O enraizamento espiritual é necessário como uma possibilidade de vida, prometida pelo próprio Deus. Aqui está como o modelo do Theo Sundermeier pode ajudar: viver juntos, aprendendo uns com os outros, e celebrar juntos.

“Comunidade Justa”

O estilo de vida comum entre os fiéis é uma “comunidade justa”, que vive da experiência do Reino de Deus e de sua justiça. Portanto, a justiça não precisa ser cumprida, mas, precisa ser somente testemunhada. A prática justa “nasce em uma experiência contemplativa de Deus, que espera do crente uma justiça diferente, mais elevada, que permaneça no horizonte como ‘livremente dada’”.

Elementos da Espiritualidade e Mística do Reino de Deus

- Sentido da realidade

“Espiritualidade significa o espírito ‘com o qual se enfrenta a realidade’”. “A realidade é superior à ideia. Este critério está ligado à encarnação da Palavra e ao seu cumprimento (...) a realizar obras de justiça e caridade nas quais se torne fecunda esta Palavra.” (EG 233)

De acordo com Jon Sobrino³ a espiritualidade está fundamentada sobre a: “1. Lealdade com o real, a fim de se perceber a realidade histórica, como ela é; 2. fidelidade ao real; 3. Prontidão na correspondência ao “mais” do real e deixar-se levar por ele. Estas três atitudes básicas podem converte-se também em mediações da relação com Deus pelo que os pressupostos e fundamentos são também teológicos.”

³ Jon Sobrino: Der Geist, der befreit. Anstöße zu einer neuen Spiritualität, Freiburg i. Br. 1989, 27. (É o espírito que libera. Ideias para uma nova espiritualidade.)

Uma espiritualidade concreta relacionada à vida real é pessoal, não privada, e que significa discipulado. Como espiritualidade de vida, ela serve como uma visão de vida plena e digna para todos.

- “Dom de Deus como uma tarefa compulsória”
- “presente, mas não acabada, ainda” (Já, e ainda, não)
- “no mundo e para o mundo, mas não, do mundo”
- pessoal-existencial e politicamente estruturada
- presença simbólica e testemunho na ação

3. Compromisso – Como mantê-lo vivo? (Declaração)

Permita-me citar, novamente, o Papa Francisco que é inspirado pela Sagrada Escritura: “Os que esperam em Deus renovam suas formas, criam asas como águias, qualquer que seja a sua idade: ‘Eles renovam suas forças, criam asas como águias. Correm e não se afadigam, podem andar que não se cansam.’. (Is 40,31) (EG 11)

Portanto, podemos fazer-nos a pergunta: Como manter vivo o nosso compromisso com tranquilidade. Fico impressionado diante da “Declaração da Família Salvatoriana”. Este é um documento que fala do forte compromisso com a proclamação do Evangelho de Jesus Cristo, que resulta de uma profunda experiência de Deus. A Declaração é de muitas formas, “atualizada / contemporânea”. Este é um documento que fala com entusiasmo, como falaram Padre Jordan e Maria dos Apóstolos. A Declaração convida outros a unirem-se à Família Salvatoriana.

Ao olhar para a Declaração focando a “espiritualidade do Reino de Deus”, podemos encontrar lá muitas mensagens correspondentes. Vocês mesmos **poderão perceber**. O que meus olhos captaram foi a ênfase sobre a “colaboração com todas as pessoas de boa vontade”.

O nosso ponto em questão, aqui é o⁴ “compromisso” - como mantê-lo vivo? Como resposta a esta questão fui convidado a trazer algumas dicas, como ajuda. O que me qualifica para fazer isso, exceto o fato de que fui convidado a falar aqui, o que pode significar – pensar em voz alta? Por favor, não esperem por uma palavra final, uma solução. Decidam por si mesmos se meus pensamentos partilhados com vocês são dignos de consideração.

Parece ser importante lembrar três pontos:

1. O grau pelo qual as ideias fundamentais da Declaração podem ser vividas depende do grau de participação de quando o documento foi escrito. Como é que aquelas pessoas que deveriam viver estes ideais básicos tenham se apropriado deles?
2. A motivação é algo pessoal, mas não, privado. Quem quer que tenha a responsabilidade na organização ou comunidade não é responsável pela motivação de cada membro individualmente, mas pelas condições que ajudem os membros a manterem essa motivação. Quais condições ajudam os membros a manterem a sua motivação?
3. Você pode ver o significado dos ideais básicos em uma comunidade ou organização quanto a sua ‘materialização’. Isto significa estruturas, formas, rituais, métodos que são institucionalizados em uma organização, onde as ideias assumem uma “forma”. Nós falamos sobre a encarnação do espírito. Que estruturas, formas, etc. existem ou são possíveis, em que o espírito da comunidade assume a “forma” como está descrito nos ideais básicos?

⁴ Martin Jäggle foi conferencista no Encontro da Comissão Internacional Conjunta do Carisma (IJCC) em 2014

A linguagem da Declaração e os ideais contidos nela estão ajudando a encontrar o “mais” a respeito da realidade, “a estrutura da graça presente na realidade”?

As Consequências da Segurança

Para se atingir a dignidade e a vida livre dos medos, faz-se necessária uma certa quantidade de segurança econômica, que possa assegurar os meios para a existência. A segurança promove o desenvolvimento do potencial humano. Mas, experimentei as consequências de contratos com duração ilimitada para funcionários, que reduziram seus compromissos pessoais e trabalharam sem entusiasmo por uma vida inteira. Somente alguém que tenha tido experiência de ser reconhecido é capaz de atualizar possibilidades incríveis.

Para garantir a fonte

Ser “fogo e chama”, “arder” por algo ou alguém são imagens que expressam alguém que esteja “alimentado”, alguém que esteja vivo “pleno de entusiasmo”. Cada símbolo é ambivalente. O fogo pode também queimar, consumir, ou mesmo, devastar. Assim a expressão “estar queimada” é uma descrição acurada de uma doença temporária. Assim, hesito em considerar-me “fogo e chama”, exceto, em algumas situações onde um “fogo brando” ou, uma “flama” se torna necessária. E, não poderia ser que, logo que o fogo diminui, a força de poder suportar algo – apesar de tudo – poderia ser mais evidente? Em qualquer caso, o entusiasmo não pode ser assegurado ou colocado em ordem.

Mas, o que pode ser assegurada, mantendo ativa a fonte da qual a comunidade e seus membros vivem. Talvez aqui, a imagem das águas subterrâneas seja útil. Se for perdido o acesso à fonte – qualquer que seja a razão – a vitalidade e a vida se perdem. Aquelas pessoas exauridas, empedernidas, como mortas.

Você mesmo sabe melhor quais são as fontes, onde se encontram e como se pode acessá-las. Como pessoas, dependemos dessas fontes da água, mas ao mesmo tempo, não podemos “fabricar” água/fontes. A nossa única ocupação é a de bebê-la. Quem bebe da fonte sente-se refrescado, fortalecido e vivo. Isto fortalece a importante experiência de conhecer-se e essas possibilidades são dadas como um dom. Esta experiência fortalece a gratidão. A dinâmica de estar plenamente grato suscita o desejo de transmitir essa experiência a outros.

Gostaria de reconsiderar aqui uma dimensão da “espiritualidade do Reino de Deus”, descrita anteriormente por mim: Como um dom precioso, o Reino de Deus é fonte de gratidão. Com este Reino, a visão testemunhada por Jesus, da verdadeira cura e de plenitude de vida é prometida a todos, dando sentido à vida cotidiana. Isto libera as pessoas para confiar nesta vida, apesar de tudo, impedindo-as de desistirem de viver, ou de viverem com a ilusão de poderem “fazer tudo”. O entusiasmo não deveria estar mais focado em direção à gratidão?

A Significação da Realidade

Em vista do “compromisso – como mantê-lo vivo?” Percebi possíveis barreiras:

- a) A Declaração se refere a **todos** os povos. Naturalmente, isto significa que ninguém está excluído. Mas, alcançar todos não tem sido o resultado dominante: Queremos alcançar a todos ou devemos alcançar a todos? E, como medimos o “sucesso”? Como um povo concreto somos chamados por Deus a situações concretas, da mesma forma como este povo é enviado a pessoas concretas, em situações concretas. O mandato missionário “Vão, portanto, e façam com que todas as nações se tornem discípulas” aplica-se à Igreja como um todo, e não a pessoas individuais ou comunidades que partilham este mandato missionário.

Levanta-se a questão: Quem são **todos**? A Declaração diz **todos**, mas, queremos significar, realmente, **todos**?

- b) A Declaração descreve um ideal ao qual as pessoas poderiam ser atraídas e, por ele, desafiadas. Mas, não existe possibilidade para tentativas, riscos, nenhum atraso, nenhuma fragilidade, nenhuma queda, nenhuma falha, nenhuma “dependência”, nenhuma “carência”, nenhuma ação fragmentada. Então, como consequência, não existe, também, o poder levantar-se, endireitar-se, nem a cura para todos os membros da comunidade. Os limites ou os lados escuros do ser humano e Cristão não são registrados. Mas, quando na prática tudo está encoberto, a realidade não pode vir à tona.
- c) A Declaração está atenta aos sinais dos tempos e à busca de colaboração junto a todas as pessoas de boa vontade. Talvez a presença do Reino de Deus, aqui e agora, esteja incluída nos sinais dos tempos, mas não está expressa. Leonardo Boff descreveu-a da seguinte forma: Deus chega antes dos missionários. A atenção à aparência da ação de Deus no momento presente capacita o povo a – através de seu clamor por redenção - descobrir o “mais” da realidade: a esperança e a promessa nela contida.

Anteriormente, indiquei que a questão essencial da espiritualidade está na “questão do relacionamento da espiritualidade e da realidade”. “Espiritualidade significa o espírito com o qual uma pessoa enfrenta a realidade”. Isso nos leva ao Papa Francisco:

“a realidade é superior à ideia. Isto supõe evitar várias formas de ocultar a realidade: os purismos angélicos, os totalitarismos do relativo, os nominalismos declaracionistas, os projetos mais formais que reais, os fundamentalismos anti-históricos, os eticismos sem bondade, os intelectualismos sem sabedoria.” (EG 231)

A realidade está cheia de tensões e antagonismos/oposições; a realidade não é orientada pelas leis e regulamentações. As questões levantadas são: Até onde a linguagem e os ideais da Declaração têm o efeito de impedir ou bloquear a abordagem à realidade? A linguagem e os ideais estão ajudando a encontrar o “mais” da realidade, “a estrutura da graça na realidade”? Quem quer que experimente essa estrutura da graça responderá com espírito de gratidão e consciente de ter recebido um dom. Assim, “a prontidão cresce no relacionamento com a realidade contida no ‘mais’ sendo levada por ela”.

Talvez, essa abordagem à realidade determine as possibilidades de comunidades e pessoas “manterem vivo o compromisso”.

Concluindo, enfatizo novamente a questão da espiritualidade do Reino de Deus, ao afirmar que este Reino está presente, mas não, plenamente realizado.

A espiritualidade que está orientada ao Reino de Deus afirma que tudo o que tem sentido irá perdurar diante de Deus, que tudo será feito em nome do Reino de Deus, mesmo quando ela se mostrar preliminar e fragmentada. Esta espiritualidade nos encoraja a confiar no significado do que está presente – no sentido do Reino de Deus – pode ser experimentado e testemunhado como ‘vida eterna’.

Questões para Reflexão

1. Leia novamente a Declaração da Família Salvatoriana à luz deste artigo.
 - a. Anote as palavras ou frases que sejam significativas para você e pergunte-se: “O que elas estão dizendo a mim, e como posso responder?”
 - b. Quais seriam algumas das implicações para a Família Salvatoriana na sua região do mundo, e/ou globalmente?
2. À luz deste artigo, se você tivesse de rever a Declaração da Família Salvatoriana, o que acrescentaria ou mudaria?

3. A Declaração da Família Salvatoriana se refere a “todos os povos.” Quem são “todos”? A Declaração se refere a todos, mas queremos mesmo significar “todos”?
4. “Espiritualidade significa o espírito com o qual uma pessoa pode enfrentar a realidade.” O Papa Francisco diz, “A realidade é superior à ideia” (Evangelium Gaudium 231). Isto leva à questão do relacionamento entre a espiritualidade e a realidade. De que forma a espiritualidade Salvatoriana está fundida à minha realidade?